

O HABITAR NA ESCOLA-CASA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS POR DEVANEIOS DO IMAGINÁRIO

WESLEY PADILHA BLANKE¹;
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – wesblanke@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – claumattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa ora apresentada busca investigar as experiências discentes nas escolas frequentadas durante o período escolar e como elas dialogam e influenciam nossos imaginários, saberes e percepções na vida adulta. A discussão apresentada está na base do projeto de dissertação, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes (CA/UFPe), na linha de Pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética.

Para pensar acerca dessas vivências passadas, defino a instituição escolar como uma Escola-Casa, pensando este espaço como um ambiente que recebe, acolhe, funciona e gera transformações — positivas ou não — em quem ali habita. De acordo com Bachelard (2008, p.201), principal referencial teórico desta pesquisa, é possível "representar o espaço a partir do conceito de casa, lugar dedicado aos devaneios". Ele ainda nos diz que dentro dela se abrigam os sonhos, sendo essa casa o suporte para tal abrigo. Entendo que, para analisar o tecido formado pela Escola-Casa, é necessário visitar nossos próprios registros.

Entretanto, não busco relacionar a Escola-Casa necessariamente com espaços, sim, com lugares. A escola, enquanto construção, é um espaço — enquanto casa, se transforma em um lugar. Um território, pedaço de terra, pode dar espaço a um lugar — em contrapartida, o lugar é quando eu dou significado a um território. De acordo com Velásquez e Levi (2015, p.159), a diferença entre espaço e lugar tem a ver com o "desenvolvimento do capitalismo, ou seja, quando o espaço é separado da experiência nas comunidades primitivas e da natureza". Elas também argumentam que o lugar requer uma análise direta para lhe conferir particularidade e significado.

Desta forma, ao desmembrar a existência de uma Escola-Casa, espaço íntimo do habitar físico, do afeto e do imaginário, parto em direção à proposição da sua leitura como um local formado por lugares e (des)lugares. O primeiro é um gerador de imaginários positivos, movidos por experiências agregadoras no desenvolvimento dentro destes espaços. E o segundo, um ocasionador de imaginários compostos por experiências negativas e traumáticas. Pensando na definição de "lugar", Velásquez e Levi (2015, p.160) retomam a doutrina aristotélica, segundo a qual "o lugar é o limite que envolve o corpo e é, portanto, uma realidade em si".

2. METODOLOGIA

Para pensar além das minhas próprias vivências e perspectivas, busquei formas de interagir e discutir com outras pessoas, também antigas habitantes de

Escolas-Casas. Para isso, propus uma roda de conversa no II ENCONTRO DO PINCEL AO PÍXEL: Artes e Pesquisa (Auto)biográfica, evento que marcou a comemoração dos 20 anos do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação¹, contando com diversas proposições artísticas, coordenado pela professora Cláudia Brandão (UFPEL), líder do grupo, e pela professora Manoela Rodrigues (UFG), líder do NuPAA - Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas. O evento, que aconteceu entre os dias 4 e 7 de setembro de 2024, na Hippocampus - Sebo e Livraria e no General Black Burger (ambos situados no Cassino/RS), teve como proposta o estímulo a reflexões sobre Artes e Pesquisas (Auto)Biográficas através de olhares atentos ao cotidiano de um lugar peculiar, o Balneário Cassino, sua história, sua natureza e seus vestígios infraordinários. A partir deste pensar, estabeleci reflexões acerca de nossa origem identitária com as pessoas presentes na roda de conversa mediada por mim, chegando a nossa infância e nosso pertencimento — ou não — aos nossos lares e ambientes escolares.

Depois de uma breve conversa coletiva acerca dessas experiências escolares, percorrendo as definições de Escola-Casa e seus lugares e (des)lugares, propus, a quem concordasse, gravar seus relatos de forma isolada, em vídeo e/ou áudio, refletindo sobre suas vivências. Dessa forma, pude conversar e recolher depoimentos sobre o tema com cinco pessoas participantes da roda de conversa. Para o registro desses diálogos, iniciei indagando o que seria a Escola-Casa ideal para elas, em seguida, perguntei como foi a experiência delas e suas tentativas de habitar estes espaços. Conforme as respostas iam sendo colocadas, eu expandia novas indagações a partir dos variados relatos que fui acolhendo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abordar assuntos da época escolar, no primeiro momento, não parece provocar grandes sentimentos e reflexões. Conforme adentramos às nuances dessas vivências, exploramos lacunas que, muitas vezes, passam despercebidas em nós mesmos. Estes espaços foram pensados, categoricamente, para exercerem funções específicas para quem os frequenta. Tal ideia, desconsidera o tamanho do impacto que as experiências vividas na escola exercem em crianças e jovens. Não é correto reduzir os espaços escolares a meros ambientes formadores de conhecimento, uma vez que "a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência" (Larrosa, 2002, p.21). Nos relatos ouvidos, pude notar que essa noção sistemática das instituições escolares prejudica diversos aspectos das vivências na Escola-Casa.

Nas conversas que gravadas, foram relatados diversos conflitos de imagem, sendo estas reais ou pensadas, considerando que "a imagem nasce e vive sempre depois do fim, do término do corpo de que era forma, e antes da

¹ Dentro do PhotoGraphein, sou vinculado ao projeto DO PINCEL AO PÍXEL: Sobre as (re)apresentações de Sujeitos/Mundo em Imagens, que visa sua colaboração para a construção de saberes estéticos, artísticos e pedagógicos que consideram a mediação das imagens em processos de investigação, pessoais e coletivos. Faço parte do grupo desde 2021, participando de diversas ações junto de meus colegas pesquisadores, tecendo caminhos e leituras que me guiaram até aqui, contribuindo com meu processo de elaboração e desenvolvimento da minha pesquisa de dissertação par o Programa de Pós-Graduação em Artes (Centro de Artes/UFPEL).

consciência onde é percebida, exatamente esse o lugar e o tempo em que as formas são sensíveis" (Coccia, 2010, p.22). A Escola-Casa tem uma grande influência em como concebemos e lidamos com a nossa autoimagem — e da relação *além-mundo* — diante das diversas formas de vivências a partir dali. Uma das pessoas entrevistadas discorreu sobre os conflitos a partir de classes sociais em sua época de escola. Tal experiência, gerou uma forte sensação de não pertencimento ao seu ambiente escolar.

Outro ponto levantado durante as entrevistas, foi o da forte repressão que jovens LGBTQIAPN+ sofrem no ambiente escolar. Passar pela experiência de (tentar) habitar uma Escola-Casa não preparada para abraçar e acolher a diferença, é saber que não crescerá sendo quem de fato é. É inevitável que tenhamos que sacrificar nossas vontades, características e tudo o que forma a nossa autenticidade para ter o direito de crescer, assim, minimizando toda a dor que enfrentaremos. Cabe a nós, no futuro, tentar identificar quais versões que criamos de nós mesmos ao longo da vida, de fato, nos pertencem. É importante analisar as grandes e opressoras dimensões da heteronormatividade no cotidiano escolar que "impregnadas no currículo, relacionam-se a práticas de controle, vigilância (...) produzindo classificações, hierarquizações, privilégios, marginalização, desigualdades" (Junqueira, 2013, p.482). Essas práticas dizem respeito a todos, uma vez que comprometem a garantia ao direito à educação de qualidade.

4. CONCLUSÕES

Ao revisitar nossas experiências na Escola-Casa enquanto estudantes, adentramos na tempestuosidade que também faz parte das lembranças escolares, sejam do ensino fundamental ou do médio. Não é fácil passar pelo processo de crescimento. Descobrir o significado de pertencimento e identidade tem um preço alto e, muitas vezes, é doloroso revisitá-lo. No entanto, percorrer trânsitos autobiográficos, neste sentido, propicia o resgate da memória e dos objetos de memória, pontos essenciais para celebrar o quão importante é retomar a nossa caminhada. Ao revisitar histórias de vida, nos é dada a chance de reavaliar nossos próprios trajetos ao longo da existência, incorporando novas narrativas para refletir o viver e os porvires, contrastando os modos de vida pouco introspectivos atualmente. Além disso, a experiência de mediar a roda de conversa e trocar relatos a respeito dos lugares e (des)lugares pertencentes a Escola-Casa, evidenciou a percepção de vivência em comum nos espaços educativos. Tal troca fomenta o nosso olhar crítico, não somente sobre o mundo, mas também para nós mesmos.

É bastante óbvio afirmar que o lugar que ocupamos por mais tempo além da nossa própria casa, é a escola. Tanto o nosso lar, quanto as instituições de ensino que percorremos ao longo da nossa infância e adolescência, são pontos geradores de crescimento pessoal e interpessoal, atravessando alegrias, frustrações, descobertas, opressões, tudo envolvido em um misto de sentimentos agridoces. Neste sentido, muitas coisas fazem os impactos dessas vivências variarem a forma como serão impressas em nós mesmos. Desde o nosso perfil, gênero, etnia, orientação sexual, tipo físico e, principalmente, como a escola está preparada para se comportar como uma "casa".

Todavia, é importante não relacionar o espaço da casa imediatamente como um ponto gerador de pertencimento. Esta é uma percepção complexa que não

dialoga diretamente com o morar, que se difere do verdadeiro “habitar”. Não necessariamente, habitaremos a casa onde moramos. Nem sempre pertenceremos na bagunça da nossa casa, por mais organizada que ela possa parecer. E onde moramos pode ser tão bagunçado quanto uma escola — e vice-versa. No entanto, a bagunça da escola tende a ser diferente. Essa desordem vem de uma natureza da falta. Onde falta amparo, de uma instituição que tem — ou deveria ter — foco nesta característica. O pertencimento é uma construção. E quando não pertencemos a lugar nenhum, torna-se uma tarefa árdua o habitar. Portanto, o confronto entre estes encontros e desencontros pessoais é pertinente para compreender os trânsitos que fazemos durante nossa vida escolar, cheia de partidas positivas e negativas. Afinal, a Escola-Casa é um lugar e um (des)lugar ao mesmo tempo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. Desterro. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**, in Revista Brasileira da Educação. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

LEVI, Liliana López; VELÁZQUEZ, Blanca Rebeca Ramírez. **Espacio, paisaje, región, territorio y lugar: la diversidad en el pensamiento contemporáneo**. México: UNAM, Instituto de Geografía: UAM, Xochimilco, 2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário - A normatividade em ação**. Manaus: Retratos Da Escola, 2013.